

'A chegada': decifrando o inteiramente desconhecido



Alexandre Costa

Doutorando em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires (Argentina) e professor da Asces-Unita

O filme 'A chegada' (Arrival), do diretor franco-canadense Denis Villeneuve ('Sicários' e 'Incêndios'), é um dos filmes de ficção científica mais inteligentes e originais dos últimos anos e trata da inesperada chegada de alienígenas ao nosso planeta. O roteiro de Eric Heisserer adaptou um conto do livro *Stories of Your Life*, de Ted Chiang, ganhador do prêmio Nebula 1998. Diferentemente da grande maioria dos filmes desse gênero, limitados aos tolos clichês que sempre envolvem invasão, perigo, guerra, destruição e até mesmo o presidente dos Estados Unidos salvando a humanidade no último minuto, o filme de Villeneuve pressupõe que o espectador deseje ver um filme reflexivo que o faça pensar sobre o lugar do homem no universo.

De onde vêm os alienígenas? Eles chegam em doze enormes naves oblongas que levitam silenciosamente poucos metros acima da superfície da Terra e que são construídas com um

material desconhecido. Elas estacionam em lugares como Venezuela, Sibéria, China e Montana, nos Estados Unidos. A cada dezoito horas, as naves alienígenas abrem suas escotilhas e uma equipe de humanos pode entrar e tentar dialogar com eles, mas, como seria previsível, ninguém consegue se comunicar com os extraterrestres. Serão amigos ou inimigos? Cientistas e governantes não sabem como responder a essas questões.

Após vários fracassos na decifração, o governo americano resolve contratar Louise Banks (Amy Adams), uma famosa especialista em linguística comparada; e o matemático Ian Donnelly (Jeremy Renner), para tentar dialogar com os alienígenas a partir dos seus profundos conhecimentos técnicos.

No início do filme, um flashback revela que Banks teve uma filha que faleceu muito jovem. Em seguida, a nossa célebre linguista, ainda ignorando a chegada das naves, tenta começar uma aula para uns poucos alunos que,

após consultarem os seus celulares, se retiram apavorados. Já no estacionamento da universidade, Banks vê que o caos está instalado: todos tentam fugir ao mesmo tempo e acontecem acidentes. Logo depois, ela se inteira dos novos fatos.

Nas grandes cidades do mundo acontecem saques e tiroteios, e os governos não sabem como reagir. Esperar um pouco mais ou atacar as naves? O pavor criava um estado de anomia, ao qual nenhuma civilização poderia resistir por muito tempo; sendo assim, era urgente decifrar a língua dos alienígenas e descobrir as suas reais intenções. O trabalho de Banks e de Donnelly passou a ser urgentíssimo. O governo pressionava-os por uma solução rápida, mas a situação era inédita e exigia muita criatividade.

Nas várias vezes em que entram na nave, os dois cientistas chegam a um salão enorme, dividido ao meio por uma barreira, uma parede transparente, cujo outro lado é uma densa névoa



O filme de Villeneuve pressupõe que o espectador deseje ver um filme reflexivo, que o faça pensar sobre o lugar do homem no universo

branca que oculta os visitantes, os quais só emitem grunhidos incompreensíveis, como um microfone desregulado e produzem estranhos desenhos com uma tinta negra que destilam. Banks tenta se comunicar com eles em inglês, mas descobre que a percepção alienígena do tempo é completamente diferente da temporalidade dos seres humanos, acostumados ao tempo linear. A linguagem alienígena tinha a forma de círculo que oferecia todas as informações simultaneamente, isto é, podia transmitir um pensamento complexo em um segundo, sem recorrer a letras ou frases. Por sua vez, a linguagem humana é discursiva, isto é, desdobra-se no tempo, com início, meio e fim. Como, então, conciliar formas linguísticas tão radicalmente diferentes?

Banks, então, lança mão da hipótese Sapir-Whorf que, na sua versão mais forte, afirma que certos pensamentos de um indivíduo em uma língua não

podem ser compreendidos por aqueles que falam outra língua, ou seja, o modo como as pessoas pensam é fortemente afetado por suas línguas nativas. Dialogar com seres extraterrestres era uma experiência inédita que poderia até alterar radicalmente a percepção que temos da realidade.

Paradoxalmente, toda vez que a linguista avançava na decifração da linguagem dos visitantes, a sua percepção do tempo se alterava. E ela mesma se questionava constantemente: o que você faria se pudesse ver a sua vida se desenrolando inteiramente à sua frente? Analogamente à pergunta de Nietzsche ao falar do Eterno Retorno, você mudaria algo ou repetiria tudo novamente?

O filme usa um outro jogo linguístico: o nome da filhinha de Banks era Hannah, um palíndromo, que é uma palavra ou frase que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para a direita ou vice-versa. Isso indicaria que

o tempo também é reversível? A resposta está ligada a uma decisão vital que a linguista irá tomar e que terá efeitos extraordinários sobre a sua vida.

O filme de Villeneuve sugere que a nossa forma de compreender a realidade depende diretamente da gramática, da sintaxe e da semântica de nossa linguagem e que uma nova e radical experiência linguística poderia ter importantes desdobramentos na ética, entendida como a arte de viver bem consigo mesmo e com os outros.

‘A chegada’ é uma bela peça visual que nos leva a refletir sobre a importância da comunicação, sobre como o desenvolvimento de novas linguagens poderia eliminar o antropocentrismo e sobre como a sobrevivência da espécie humana depende da superação dos preconceitos, dos nacionalismos e dos fundamentalismos. Talvez fosse isso o que a linguagem dos alienígenas queria expressar com os seus desenhos em tinta negra. ■